

O Estado de S. Paulo

20/5/1984

Jovem, analfabeto e inexperiente. É o bóia-fria

Os cortadores de cana-de-açúcar que se revoltaram esta semana na região de Ribeirão Preto são da segunda geração de bóias-frias. Ao contrário de seus pais, que saíram do campo para a cidade e ainda guardam grande apego à sena, esses trabalhadores são marcados pelo paradoxo de sempre terem morado na zona urbana, mas ter o emprego na lavoura. Os piqueteiros, atiradores de pedras e aqueles que agiram com maior violência em Guariba tinham de 14 a 25 anos, a maioria deles adolescentes.

A onda de depredações, a rigor, começou na noite do dia 23 de abril, em Mococa, próximo à divisa com o Sul de Minas, e afastado do foco que eclodiu nos últimos dias. Entre 200 e 300 pessoas munidas de cacos de manilhas danificaram o prédio da Sabesp e atearam fogo num veículo. Eram todos jovens, a maioria menores, filhos da primeira geração de bóias-frias, que abandonou a zona rural a partir dos anos 70, com a intensificação das técnicas agrícolas modernas.

O custo da mecanização da colheita ainda é bastante elevado, o que leva ao recrutamento de um grande contingente de bóias-frias, calculado em 400 mil ou mais em todo o Interior, no pico das colheitas de cana, laranja, café, algodão, tomate rasteiro e semente de capim. A partir deste mês e até outubro, as estradas do Interior ganham o inusitado trânsito de caminhões velhos, carregando na carroceria grupos de 30 a 50 bóias-frias. Eles são vistos com a roupa limpa entre 5 e 6 da manhã, quando são apanhados pelo gato ou turmeiro, e novamente no final da tarde, a partir de 17 horas, agora com a expressão cansada e o corpo escurecido pela fumaça do carvão liberado pela queima da cana, um processo adotado para facilitar a poda com o facão.

Um bom cortador consegue empilhar, ao final da jornada, cerca de seis mil quilos de cana.

DEGENERADO

O bóia-fria de segunda geração é um organismo geneticamente degenerado em relação ao trabalhador rural tradicional, segundo mostram os estudos do Departamento de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da USP. Ali, o nutrologista José Eduardo Dutra de Oliveira concluiu que o bóia-fria perdeu um quarto de sua capacidade física, comparado com o tipo rurícola, que mora na fazenda. Ele é mais fraco que o homem da cidade. Isso, porque, segundo o professor, a desnutrição é a doença mais comum entre os bóias-frias, que ingerem em quantidade de alimentos apenas a metade necessária. "O que falta mesmo é a comida, que, se for reforçada, melhora a sua capacidade física, ele se sente melhor, fica menos doente e tem mais força para o trabalho", afirma.

Metade dos bóias-frias sai de casa antes do alvorecer sem ter tomado absolutamente nada. Segundo o relatório do professor Dutra de Oliveira, 30% tomam uma xícara de café puro e, os demais, café com pedaço de pão. A maioria almoça, às 9 horas, uma marmita fria preparada na noite anterior ou pouco antes de sair para o trabalho, composta de arroz, batata, ovo e às vezes feijão. Ao meio-dia, fazem nova parada para o café, em 95% dos casos a sobra do almoço ou café com pão.

O bóia-fria tem elevada carência de vitaminas, proteínas e minerais, segundo os mesmos estudos. A deficiência em energia é suprida, segundo Dutra de Oliveira, pela ingestão média de 50 ml de pinga por dia e uma cerveja por semana, bebidas que acrescentam as calorias que não encontram nos alimentos. Muitos tornam-se alcoólatras e são também grandes

consumidores de cigarro e refrigerantes, mais do que o leite. O "safrista", que migra do Norte de Minas Gerais e Sul da Bahia nos períodos de pico das colheitas, geralmente vem em melhor estado nutricional.

O agrônomo Carlos Lorena, de Campinas, também conhecedor do assunto, afirma que no início do século um homem carregava 120 litros de café em coco, mas foi tornando-se gradativamente mais fraco. Nos últimos 15 anos, os sacos de colheita foram diminuídos de 80 para 60 litros.

"PRIVILEGIADO"

O bóia-fria da região de Ribeirão Preto ainda é considerado "um privilegiado" em termos de salário, em relação aos demais, segundo Lorena. Essa vantagem, porém, ele está perdendo devido à expansão da cana e da laranja, que são as suas principais fontes de trabalho ao longo do ano.

O perfil desse trabalhador rural indica que a maioria possui rádio, televisor e aparelho de som simples e é facilmente influenciado pela propaganda. A maioria fuma cigarro barato, mas gosta de exibir sinais de consumismo. Há os que se orgulham de possuir cheque especial e fazem questão de usá-lo até mesmo em pequenos gastos, segundo o dono de um restaurante na via Anhangüera.

Na época das colheitas, o seu rendimento supera o dobro do salário mínimo, mas isso é temporário, segundo mostra o levantamento do mercado de mão-de-obra do Instituto de Economia Agrícola. "Além disso, fixando residência na cidade, estão sujeitos ao mesmo custo de vida dos trabalhadores urbanos, o que tende a deprimir ainda mais seu poder aquisitivo", ressalta o IEA.

Com a recessão econômica, os bóias-frias enfrentam agora a concorrência de uma parcela da força de trabalho que jamais participou dessa atividade. Lorena afirma que conhece uma fazenda de café onde três professores participam da colheita, abandonando as aulas temporariamente. Metalúrgicos desempregados, operários de construção civil e empregadas domésticas são as principais categorias que se lançam ao campo no auge das safras, disputando o emprego. Nessa época, é comum as donas-de-casa encontrarem dificuldades em conseguir empregadas, que preferem a lavoura, onde ganham mais.

INSEGURANÇA

A falta de um emprego fixo é a maior frustração do bóia-fria, segundo revela uma pesquisa que a socióloga Maria de Lurdes Scarfon realizou em Piracicaba, registrada no livro "Crescimento e Miséria". Entre os mais velhos, o desejo seria de trabalhar como zelador de edifícios, faxineiro ou guarda noturno, atividades "mais leves e de maior garantia". Entre os que não têm problemas de saúde, a maioria gostaria de ser carpinteiro, motorista de caminhão, pedreiro, encanador e eletricitista, ressaltando que seria melhor receber por mês e com os direitos trabalhistas respeitados.

Já os mais jovens, segundo o resultado das entrevistas, preferiam ser balconista, auxiliar de escritório ou industriário, "pois tem mais trabalho fixo e pagam mais". Muitas mulheres declararam que gostariam de "dar mais fatura para as crianças" e que os filhos fossem médicos, engenheiros ou advogados e as filhas, professoras ou secretárias. Mas como "não dá pra estudar tanto", eles se contentariam se fossem mecânicos ou bancários.

A sazonalidade é o maior problema do bóia-fria, na opinião também da socióloga Verá Lúcia da Silva Rodrigues, da Universidade Metodista de Piracicaba. Além disso, ele é um assalariado,

ao contrário do regime anterior, com residência fixada na zona rural, quando recebia parte do salário em comida, moradia e lenha.

Em Pradópolis, onde está a usina São Martinho, a cidade tem o menor índice de mortalidade infantil do País, em torno de cinco por mil nascidos vivos, abaixo até mesmo do padrão dos EUA e da Suécia, graças a um programa-piloto da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Algumas usinas da região mantêm projetos de suplementação de alimentação e melhoria do transporte, humanizando o trabalho do bóia-fria.

O grupo Ometto criou uma organização interna para a contratação de mão-de-obra, substituindo a figura do gato, que recebe cerca de 20% do salário destinado ao cortador e não obedece aos direitos trabalhistas. Segundo um empresário do setor, a solução dos conflitos está em acabar com o intermediário, à medida que as empresas contratarem diretamente os bóias-frias, como fazem algumas delas. Existem também programas experimentais da "bóia-quente", até mesmo com uma proposta comercial de adoção de marmitas térmicas pelas usinas.

WILSON MARINI

(Página 18)